

45

Rio Grande do Norte
Secretaria de Estado de Educação e Cultura
Alfabetização de Adultos

2º Curso de Treinamento de Monitores (pela equipe do SEC
da Universidade do Recife)

Palestra de encerramento - 26/5/1963.
Proferida pelo Professor Paulo Freire

Eu quero inicialmente justificar a minha chegada hoje, apenas, aqui em Natal. E que na verdade eu não estou doente realmente, enquanto cansaço não é doença. Mas eu ando meio estafado e com uma proibição médica de certos esportes em que a equipe toda do SEC vive, nantida. Mas, os que estão me conhecendo hoje, estão bem vendo que há uma diferença um pouco grande entre mim e a equipe do SEC, do ponto de vista da idade. De maneiras que enquanto eles podem fazer o que eu venho fazendo sem muita repercussão, em mim há esta repercussão. Porque, desde que eu tinha a idade que eles têm que eu venho mais ou menos neste ritmo. E é claro que hoje devo estar começando a ter um pouco de consequência disto.

E, como eu ando assim meio cansado, o médico me surteu que eu deveria pensar no mínimo 8 dias, felizmente ainda são 8 dias, parado, meio escondido, sem atender a convites para falar, nem para dar cursos, nem para nada. Como estes sintomas do cansaço aumentaram de quinta-feira para cá eu então, considerando que a equipe estava aqui em Natal, e também considerando um compromisso que eu assumira antes para amanhã, quando terei que fazer 3 conferências, sendo que a última é em João Pessoa e que eu não podia mais contar, então admiti a possibilidade de não vir a Natal desta vez. A Equipe faria o trabalho sem mim mesmo. Com isto eu teria descansado em Recife o dia todo e a noite toda de hoje. E com esse repouso eu esperava amanhã poder fazer as 3 conferências que sou obrigado a fazer. Mas hoje, pela manhã chegaram a nossa casa Paulo Pacheco e o Marcos, tendo viajado 8 horas de noite com um bilhete da equipe. E eu achei que tinha neste caso o dever de vir a Natal, sem que fosse para não dizer nada. E aqui estou.

Vou então falar para vocês uns 30 ou 40 minutos no máximo, pedindo de ante mão desculpa por fugir, eu pessoalmente, a uma coisa que gosto muito de fazer que é discutir o que eu digo.

Mas, a equipe está aqui, a equipe do SEC. De maneira que quando eu acabar de falar, qualquer pessoa que pretenda discutir o que eu afirmar pode fazer, apenas eu peço que não seja comigo. Eu não estou fugindo-a discutir o que eu vou dizer. Mas eu acredito que, quando acabar de falar eu não tenha condições para falar. Vou ver se pego uma embalagem agora e depois eu me calo. E os professores que estão aí poderão responder por mim. Agora é claro, que eu prometo que estarei sempre, tanto quanto eu possa em Natal. Mesmo porque a impressão que nós estamos tendo, no SEC, é de que talvez nós devamos mesmo nos fixar ao máximo, no nordeste mesmo. E, sem deixar de atender aos pedidos do Sul do país, fazer um planejamento de ação muito direta no nordeste mesmo. E com isto, possivelmente eu já não tenha que sair do Recife, como talvez tivesse, com o grupo meu. E aqui estaremos, com mais assiduidade.

A conversa que eu vou fazer com vocês é um dado, também, a mais, em que reppusa o Sistema de educação no qual está inscrito o método que vocês já discutiram e analisaram e que vocês vão aplicar.

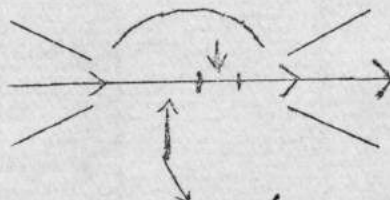
Vou tratar aqui, hoje, de aspectos da atualidade brasileira.

Concretaria, então afirmando a vocês que não há atualidade nenhuma, é até um negócio meio acaciado o que eu vou dizer, não há atualidade de sociedade nenhuma que não seja algo do que ela foi e que não implique em algo do que ela será, De modo que as pensarmos na atualidade brasileira, teremos necessariamente que nos preocupar com

determinadas marcas que este hoje brasileiro apresenta e que vêm precisamente do seu ontem. É evidente que as épocas históricas não se submetem a uma fronteira rígida, convencionalmente, geográfica, porque há uma interdependência entre elas.

Por isto mesmo é que não será possível pensarmos no hoje brasileiro, mesmo em algumas de suas fundamentais características, sem nos voltarmos para o ontem brasileiro.

De maneira que a atualidade brasileira em certo sentido, em certo momento, é assim uma espécie de alongamento do ontem nosso e em outro sentido, é uma espécie assim de adentramento no amanhã. De tal maneira que o hoje será exatamente este que implica no alongamento do ontem e que implica no adentramento no amanhã.



Na medida em que o hoje é um alongamento do ontem, ele guarda em si uma série de aspectos, de valores, de formas de ser, de comportar-se, que se consubstanciaram neste ontem e que agora se despejam no hoje. Por isso o hoje é algo de alongamento do ontem.

Estas formas e estes valores se despejam no hoje, e quando se despejam elas procuram na verdade afirmar-se, manter-se e preservar-se.

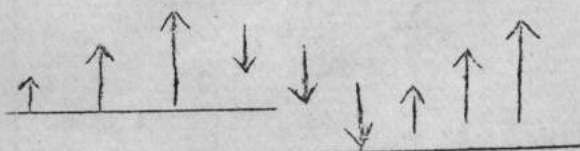
Enquanto o adentramento, no amanhã, o hoje apresenta "n" manifestações, "n" valores, "n" formas de ser que começam a se consubstanciar nele mesmo. É exatamente então a contradição que se faz no choque entre as formas do ontem que se despejam no hoje, pretendendo continuar e as formas do hoje, os valores do hoje que pretendem afirmar-se, e o choque entre estas formas, o choque desses elementos que se contradizem no hoje, que dá a aparência ao hoje da Sociedade brasileira, de crise ou de caos. Crise tomada no sentido valorativo, negativo e não no sentido de passagem, porque aí seria isto mesmo.

Ora meus amigos, vocês poderiam dizer que a Sociedade em geral quer tempo e isto mesmo. Seria isto precisamente porque a Sociedade Humana se nutre de juramentos mudanças que por sua vez retratam a capacidade criadora e recreadora do homem, que se funda na sua própria e exclusiva qualidade espiritual. Então esta marca da espiritualidade criadora e recreadora do homem, que leva o homem, na verdade, a encher de história, a encher de cultura os espaços geográficos, será exatamente esta capacidade de criar e recrear que não permite a estaticidade da sociedade e das culturas. Isto é um fato. Nunca houve sociedade humana que fosse totalmente estática. Mas o que há é sociedade humanas preponderantemente estáticas e preponderantemente dinâmicas.

Quando se enfoca o histórico, por exemplo, do ponto de vista sociológico, o que se há de pesquisar realmente é a preponderância da dinâmica e a preponderância da estaticidade do tempo histórico.

De maneira que não será qualquer tempo, não será qualquer hoje, não será qualquer atualidade que revele as marcas características desta atual sociedade brasileira.

Vou tentar achar isto fazendo aí um esqueminha também.



Na medida em que o homem, precisamente porque criando e recriando assume uma posição menos crítica hoje, mais crítica amanhã, mas uma posição de decisão, no processo em que ele está, precisamente porque ele faz isto, se constituem os tempos históricos. E nos tempos históricos o homem continua criando, recriando e decidindo.

Então uma determinada época vai se caracterizar por apresentar um conjunto de temas, anseios, tarefas que buscam a sua plenitude, que buscam a sua plenificação.

Enquanto estes determinados temas, anseios, buscam a plenificação dentro de um tipo de sociedade, dentro de um tempo histórico de uma sociedade, esta sociedade apresenta apenas simples mudanças que são características de toda a sociedade humana, já que não há uma sociedade parada.

Quando porém, em determinado momento do processo deste tempo histórico, se observa que estes temas que eu puz aqui simbolicamente com estas setas subindo, começam a descer, e exatamente porque estes temas, na busca da sua plenificação começaram agora a esvasiar-se. Na medida em que eles se esvasiam começam a emergir novos outros temas, e novas outras aspirações, novos outros valores que eu vou representar aqui agora por um caminho igual aquele, de setas buscando a plenificação.

Quando uma sociedade vive este momento, o momento de temas que se esvasiam e a ascensão de temas que buscam nova plenificação, como aqui, exatamente, esta sociedade vive uma atualidade que eu venho chamando de trânsito.

Quer dizer a sociedade anuncia, com esta busca de plenificação de novos temas emergentes, anuncia um novo tempo histórico, que oferecerá este caminho de novo, até que se instale um novo esvasiamento e a emergência de novos temas, de que resulte novo trânsito.

Quando isto se verifica então as mudanças vão ganhar agora um teor completamente diferente. A sociedade que apresentava as suas mudanças revela agora um tipo qualitativamente diferente de mudanças.

E são essas mudanças, agora, fortemente carregadas de um teor muito dramático e porque muito dramático, profundamente desafiador, e porque desafiador exigindo dos homens que estão envolvidos no trânsito, portanto nesta atualidade deste tipo, exigindo de nós todos, respostas a estes desafios, agressivos até.

Pois bem, e por isto que a atualidade brasileira que é exatamente isto aqui, e em certo sentido, um alongamento do ontem e o ontem se representaria exatamente por este tipo aqui de ascensão de setas, que seriam os velhos valores buscando a plenificação, e é em certo sentido um adentramento, um entrar no novo tempo que se anuncia, com a instalação agora, neste hoje brasileiro de uma fase que eu venho chamando de trânsito.

O trânsito, em linguagem sociológica não é simples mudança, se bem que todo trânsito seja mudança; porque nem toda mudança será trânsito. Para que seja trânsito é preciso que a mudança anuncie um novo tempo que chega. As mudanças simples que se processam dentro de um novo tempo, são as mudanças que se verificam normalmente, motivadas ou movidas pela própria capacidade criadora e recreadora do homem.

As mudanças que o Brasil vive hoje não são deste tipo apenas, mas são de um tipo de quem pretende testar os valores, de quem pretende reformar as posições, por isto é que nós afirmamos que a atualidade brasileira, que é transitiva, é uma atualidade profundamente optativa. Quer dizer, não há possibilidade, no Brasil de hoje, de nós cruzarmos os braços, indiferentemente diante dos problemas, porque nós somos balançados pelo momento brasileiro e balançados e agredidos de tal forma que nós marchamos para opções.

O trânsito é profundamente optativo por isto, porque êle exige o engajamento do homem, um ancoramento do homem, que implica necessariamente numa opção que o homem tem de fazer. Não é possível não optar, na sociedade que transita. Ora, meus amigos se a atualidade brasileira é deste tipo característico, transitivo porque é um alongamento e um adentramento, então ela revela, ela guarda em si este choque a que eu me referi. E este choque entre algo que se despejou no momento atual e algo que emergiu no momento atual se retrata exatamente por estas setas que sobem e descem e sobem.

Aqui estamos exatamente com o jogo do trânsito. E como é que isto agora vai se manifestar aqui?

Estas ultimas três setas representam exatamente determinados anseios do hoje da atualidade brasileira.

As de lá que subiram e começaram a descer, a esvasiar - se, representam exatamente este ontem da atualidade brasileira.

E então agora o embate delas, ou do que elas representam que vai provocar esta aparência caótica da atualidade brasileira. E é ela também, ou esse choque de contradições que vai nos dividir, numa catalogação que dada vez mais o hoje brasileiro exige, entre homens progressistas e homens reaciocinarios.

O progressista que tem varios matizes, como o reacionário também, é exatamente o homem que se põe nesta posição de cá, do hoje da atualidade brasileira, que se integra na condição atual do país e que busca então, percebendo criticamente o jogo das contradições, busca então ajudar o proprio tempo e busca ajudar a formação deste amanhã em que o hoje pretende entrar.

O homem reacionário, pelo contrario, é exatamente aquele que pretende deter o avanço deste trânsito para preservar este algo, que vem muito mais carregado de historia do ontem, mas que já não corresponde ao momento atual do país.

Observem então algumas das contradições que a gente poderia apontar aqui.

A primeira contradição que eu acho que é fundamental / mesmo aqui para nós, seria exatamente a seguinte: a de que neste ontem da atualidade brasileira as condições históricas, as condições econômicas, as condições sociais, culturais, condicionaram a inexistência de povo, no processo político - brasileiro, tomando-se o povo como uma entidade capaz de decidir, portanto na concepção sociológica. Então não havia nesta fase do ontem (eu vou riscar isto aqui e admitir que esta linha é o processo histórico brasileiro) não havia povo no sentido sociológico da expressão. Então as massas exploradas por uma elite alienada, uma elite superposta a sua realidade e não integrada com ela, pelas proprias condições do país, esta massa que estava aqui, imersa no processo histórico, no momento em que a sociedade brasileira entra no trânsito, quer dizer, nesta pedaço de tempo que está aqui, e que a gente chama de trânsito, se instala um processo que Meinheim chama de democratização fundamental. A democratização fundamental que se abre em quatro dimensões especiais e interdependentes: a democratização econômica, política, social e cultural, implica numa constante ativação do povo no proprio processo dele. Quando isto se verificou, então o que aconteceu? - O povo que estava imerso subiu para o processo, mergulhou no processo e emergiu então o povo apareceu em cima, agora. Da até uma impressão de alguém que mergulhado antes numa torrente qualquer, numa correnteza passa agora para cima dela.

Mas acontece é que quando isto se verifica em qualquer sociedade que apresente as características da brasileira, Meinheim analisa isto muito bem, quando isto se verifica, o povo que emergiu, e que passa agora condicionado por novos fatores que estão no hoje, e não no ontem começa a criar novas condições mentais e novas atitudes diante de fatos novos do seu processo.

Mas acontece que ele traz também as marcas do ontem, através da passagem histórica, e que não marcas passivas, são marcas mais de expectador do que de participante, uma vez que neste estágio aqui ele não participava do processo, ele expectava o processo, e ele tinha criado todo um conjunto de atitudes. Quando ele emergiu, agora, então é claro que ele tinha que trazer também as marcas deste ontem.

Ha um psicólogo social, muito bom, professor da Universidade de Glasgow, que diz num trabalho recente: "que não há mente nenhuma que seja só o que ela é, porque é sobretudo o que ela foi".

E aqui a gente tem exatamente isto. Emergindo em posição participante agora, em posição ativa, atuante o povo brasileiro levou nesta emergência, porém, as marcas de uma mentalidade passiva que neste processo anterior era absolutamente paupável.

Isto então é que faz com que esta emergência apresente um tom bem característico na vida nacional. Acho um sintoma excelente e ao mesmo tempo um desafio muito forte para os educadores, os homens públicos, os cientistas sociais para a juventude, que é o processo da rebelião em que está instalado o país hoje.

Esta rebelião guarda em si um conjunto de notas, que revelam algo deste hoje e algo daquela ontem e que deixam o homem muito mais ingenuizado e muito mais tendente a posições subversivas (que daqui há pouco eu esclarecerei como eu entendo que é).

E por isto também, que sendo altamente contraditório todo o tempo em trânsito como é o nosso hoje, cada um de nós tem em si também, suas contradições. E que nós estamos tocados, muito fortemente, das próprias contradições externas em que nós estamos e com as quais nós estamos.

E então nós temos também internamente contradições. E é por isto que foi não foi, nós surpreendemos um homem muito avançado, em posições reacionárias. Distrai-se e (hoje por exemplo me falaram que o prof. Jarbas tinha sido meio reacionário,) no cochilo ele pode cair numa perspectiva às vezes um pouco reacionária. Ha contradições internas e contradições externas.

Esta posição da emergência do povo, neste trânsito do hoje, brasileiro e que representa já não mais querer ser puro expectador, coincide também com as posições que coincidem com a chamada revolução brasileira.

O povo renunciou a velha posição anterior, de imersão e de expectador apenas do processo, tângido pelas elites. O povo renunciou a isto. E hoje o que o povo quer, emergido como esta, é participar do processo de que ele quer decidir também.

E são os ingenuos ou os coerentemente fatais, como eu chamo os que são os reacionários (há no reacionismo uma coerência fatal), são estes e que não veem que o processo histórico brasileiro está aqui. São estes e que não sentiram ainda uma conotação nova da emergência popular brasileira, que é a das greves políticas.

Quando uma sociedade começa a superar greves puramente salariais, e a classe proletária, reunindo-se com a estudantil, com a rural, se levanta em manifestações de caráter político, anuncia-se com as mais fortes trombetas a instalação e a deflagração mesma da revolução. São os que pretendem manter este ontem do Brasil e que não estão vendo isto e, porque não estão vendo, ou não querem ver e por que pretendem forçar o país a uma camisa de força, para um passado que já não se justifica e que nos poderemos nos surpreendermos, qualquer um dia destes, com um processo realmente sanguento desta revolução anunciada já, em tantas conotações que estão aí tão paupáveis, diante de nós.

Esta posição aqui, põe o homem, como eu dizia, numa atitude de rebelião, com uma preponderância ainda de ingenuidade, do qual se sairá para uma posição crítica, através de uma educação crítica, e crítica. Quer dizer, uma educação ativa, através de métodos ativos, dialógicos, experimentais, corajosos, com educadores que não temam a verdade, com homens públicos que não se assustem com os editoriais do Estado de São Paulo, (oração do público) com homens publi-

cos que não temam os dias que dias das forças reacionárias e por isto subversivas, de te país, com homens públicos que descubram em tempo que a melhor forma de se ser imprudente, neste país e se ser prudente, só com uma educação assim corajosa, decidida que dê nome aos bois (eu sempre costumo dizer giz é giz, fósforo é fósforo, sapato é sapato, reacionário é reacionário, entreguista é entreguista, aliança é tapiação (ovação) quer dizer, só coragem é possível sair-se do dilema em que nós estamos. Eu quero até dizer que eu não estou fazendo demagogia, não estou fazendo também comércio. Não sou candidato a nada. Mas eu vejo é isto mesmo, a vida brasileira, a situação brasileira é esta.

É exatamente esta criticização que uma educação assim faria, que levará o povo, e só ela, a esta nova postura que é a da inserção do povo no processo histórico, isto é que dará ao povo brasileiro, então capacidade de decidir mesmo, do processo.

Mas, meus amigos, o que é que nos vemos? - Diante de um quadro como este, então, naturalmente, toda a sociedade que sofre este processo apresenta uns sintomas (que nós estamos vendo hoje no Brasil), graves. É que na fase anterior em que o povo estava imerso, havia uma elite, detentora de privilégios ilegítimos, de que resultava a exploração das massas que estavam imersa no processo.

Nun parêntese há algumas pessoas que têm um medo danado de falar em exploração, porque dizem: isto é vocabulário comunista (rizadas).

Falar em exploração, falar em alienação, falar em conscientização, falar em revolução, para certas pessoas significa estar usando, um vocabulário típico comunista. Eu não sou comunista mas jamais temi estar com eles e jamais, repetindo agora as palavras do Padre Lages, "jamais admiti a possibilidade de eu errar porque os comunistas acertam". Não, neste negócio eu não entro. Não tenho medo de palavras, porque elas devem na verdade representar fatos. E como eu acho que os fatos devem ser chamados com as palavras que são conceitos que os englobam, então a gente tem que dizer estas coisas.

Esta elite exploradora, quando sentiu que a sociedade (e isso se sente até inconscientemente ou espontaneamente) quando estas elites sentiram o processo do trânsito que vem casado com o da democratização, é claro que elas, numa 1ª fase espontânea se juntaram e começaram a procurar um jeito de deter o avanço do processo.

Aí é a fase embionária do reacionarismo. Mas o danado do processo não vai parar só porque os reacionários começaram a se juntar. Então cresce, avoluma-se o processo.

Entra o reacionarismo para uma 2ª etapa que agora já não é espontânea porque é deliberada. Se arregimentam as forças reacionárias, criam instituições para engodar o povo, e aí vem um bando de Serviço Social disto, Serviço Social daquilo, um bocado de chupeta com açúcar (rizadas), atraem para suas hostes filósofos, sociólogos, economistas que vão explicar "a crise" nacional e começam cada vez mais e saem daí até para a fase da violência e da repressão.

Conseguem, precisamente porque estas forças elegem os poderes, começam a manipular a força policial, a jogar o poder contra o povo. Mas o processo continua, não vai parar por causa disto, E não para.

Então aí, começam estas forças (esta é outra das características da sociedade em trânsito) a apolidar (porque por outro lado as forças progressistas também usam isto) a linguagem do trânsito, diria o professor Jarbas Maciel é intensamente Bragnática. Então reacionário, entreguista são expressões fortemente fragnáticas. Comunistas, subversivo, são também forças, expressões fragnáticas.

Este pessoalzinho aqui (mostra o gráfico) da reação que são os donos do mundo, os donos das terras, os donos das gentes, começam a chamar todo este pessoal que está aqui (mostra o gráfico) no trânsito / mesmo, que está querendo dilatar as portas da democratização de gente te subversiva.

Então inventam meios Tribunal de Segurança etc. Para as "gentes subversivas".

E o que é subversão ?

- Subversão, dizem eles (e qualquer dicionário também tem) é a tentativa de botar abaixo uma ordem estabelecida.

Mas agora pergunto eu:

- Que ordem é esta?

Eles responderiam:

- A ordem é a ordem do ontem.

E quando eles dissessem isto eles estariam esquecidos de uma coisa importante na análise da subversão e da ordem. É que o conceito de ordem não é só ético, mas é histórico, também. Então, se naquela ordem anterior, da fase anterior da sociedade brasileira não havia ordem do ponto de vista ético, porque eu não posso conceber que uma sociedade que se montasse na exploração de muitos por poucos, pudesse ser ética. Não era. Mas era sociologicamente ordem aquilo. Era historicamente ordem. E era ordem precisamente porque representava um sistema equilibrado de forças que mantinham um ritmo tal da sociedade em mudanças comuns. Desde o momento porém em que este negócio se arrebenta e a sociedade supera a fase anterior, então aquela ordem que era ordem histórica e sociologicamente e não era eticamente, já não é hoje nem ética, nem histórica, nem sociologicamente.

Ora, então subversão hoje (e é por isso que eu acho também a subversão tem uma conotação para mim característica, fundamental, principal) subversão se trata de um apetite de status de privilégio.

Então subversivo não é só o cara que não tendo privilégios e nesta emergência aqui se levanta um pouco, sem privilégio nenhum / mesmo. sem o direito de sobreviver, e a subversão então não é apenas / dos homens que hoje, ingenuizados, emergiram no processo brasileiro e pretendem então status de / privilegiado, botar a baixo quem tem para ele ter, como subversivo / também é aquele que tendo privilégios ilegítimos pretende mantê-los.

Então, subversivo, meus amigos não é apenas o homem comum. E sobretudo ele não é quando reivindica o salário dele, porque / aí não é subversão não, é direito.

Mas subversivo não é o homem comum quando pensa que numa outra ordem ele pode passar a ser o usineiro e o usineiro pode / passar a ser o operário que é ele hoje.

Subversivo não é este homem só. Mas subversivo são os conservadores, que se reúnem, nas suas associações de classe para traçar a manutenção de uma desordem que eles chamam de ordem. Isto é subversão. Subversivo é querer manter esta desordem no país, hoje. E aí / é que a subversão se distingue da atitude da revolução.

A atitude revolucionária, meus amigos, não tem a conotação dos apetites de privilégio. Porque a atitude revolucionária é anti / privilégio. Evidentemente ilegítimos.

Por isso é que eu acho que a educação de que o Brasil / precisa é a educação da revolução e para a revolução. Em termos sociológicos, é claro. Eu quero deixar bem claro aqui que não estou defendendo (não cabia a mim, até fazer esta defesa, pelo menos agora) de / sair ninguém daqui com bodequê na mão para fazer revolução, (rizadas) não é isso não.

Por isso mesmo é que se eu estivesse pensando que o Brasil devia entrar nesta faixa hoje, então eu tinha arquivado este método, pois eu acho que uma das armas da revolução brasileira. E é na medida em que ele conscientiza o povo, para que o povo saiba decidir do seu processo e se libertar de todas as formas de pressão, e de engodos de que ainda se lança não para deixá-lo em posição de "pedinte" e não de "reivindicador".

Vou concluir dizendo só, agora, o seguinte:

Nestas faixas então as contradições não são apenas internas do País mas também são externas,

E são as externas
que inclusive embasam as contradições internas.

E como assim há elites internas, do próprio País, que não veem com bons olhos o processo de democratização do país e pretendem de ter este processo através de soluções armadoras -, como soluções assistencialistas, que são insustentáveis quando analisadas de um enfoque filosófico, sociológico, as soluções violentas, as soluções da mentira, do engodo.

Assim como as elites internas do País, pretendem estas soluções, armadoras -, também ao lado das violentas, assim as forças / externas representadas na força colonialista, pretendem ora a força da violência sobre as Nações que pretendem a sua emancipação, ora a força armadora, tipo aliança para o Progresso.

Aliança para o Progresso não é outra coisa senão uma manifestação assistencialista, feita em termos da realidade do que assiste e não em termos da realidade do que recebesse a assistência.

É uma tentativa de amaciar e não uma tentativa de reforçar, de enfatizar o processo de autonomia.

E é por isso mesmo que eu acho que a Aliança para o Progresso é em grande parte uma arma colonialista.

E talvez se pudesse perguntar aqui, como então se explicaria a contradição de nós, particularmente realizarmos em Natal, no R. Grande do Norte, experimentos de um método mosso com a subversão da A.P.O.P. ?

-Em primeiro lugar responderia que as nossas relações são com o Governo do Estado e não com a A.P. O.P. . A nós não interessa / se o Sr. Aluisio Alves, e se o Sr. Djalma Maranhão estivessem recebendo dinheiro da Aliança ou de Man - Tse- Tung ou de Kruchov? (rizadas) a única coisa que nós exigimos, e essa exigência foi posta ao Sr. Governador antes da experiência de Angicos e será ratificada hoje, a única / exigência que fazemos para nos mantermos aqui é da absoluta liberdade / que a liderança universitária que comanda esta experiência aqui e nós outros do SEC da Universidade, teremos com relação ao conteúdo das análises da realidade brasileira. Com relação ao que nós achamos da anatomia nacional.

Fora disso, o dinheiro venha de onde vier o que importa / é analisar inclusive o pecado original desse dinheiro é conscientizar o povo brasileiro e se contradição houver não é minha, e da Aliança, porque os resultados são nossos e não dela. Mas é preciso que a gente deixe isso bem claro, precisamente como eu venho deixando no Sul do País: em Florianópolis, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, na Universidade de Brasília, em todas as partes onde temos falado, temos deixado bem claro bem patente isto. Não temos nenhuma raiva pessoal de nada / dos americanos. São pessoas amigas. Não tenho nada contra os americanos enquanto povo.

Agora enquanto brasileiro que sou, responsável por um pedaço de trabalho, eu acho muito sério, muito importante é que eu não me deixo enganar por esse tipo de ajudazinha que eu acho falsa.

Aqui até repetiria a expressão muito feliz e muito ferina e muito inteligente do Secretário de Educação o Calazans. Ao acabar de ser assinado o convênio da A.P. O.P. disse: "Acabou-se a Aliança, começou o Progresso". (rizadas)

Quer dizer, nesta linha do Secretário Calazans é que nós / temos na verdade que trabalhar. E só nesta linha. Se fôssemos proibidos aqui de nos manifestar desta forma, neste auditório, então evidentemente aqui não estaríamos. Porque só vamos aonde podemos falar e só falamos o que achamos: que é certo dizer.

E é isto que nós achamos certo.

Ou nós fazemos isto, ou nós temos esta coragem de nos integramos neste trânsito brasileiro, de nos instalar no processo de libertação nacional, de autonomia nacional, ou nós trairemos a nós trairemos a nós todos e ao nosso próprio hoje.

Muito obrigado.
(grande ovacão)